

Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas

Being networks: the digital formism of net-activist movements

■ MASSIMO DI FELICE*

RESUMO

Os movimentos sociais *online* que nos últimos anos espalharam-se nas diversas latitudes constituem um desafio teórico importante para diversas áreas do conhecimento, tanto no que tange à identificação da natureza de tais ações, dada à qualidade conectiva e tecnológica de seu agir, quanto à criação de um novo tipo de localidade, informativa e material ao mesmo tempo, expressão de uma inédita condição habitativa que reúne humanos, circuitos informativos e territorialidades. Enfim, impõem a necessidade de repensar a composição dos coletivos humanos para além da perspectiva sociológica moderna, uma vez que se apresentam como a expressão de uma ecologia reticular interativa não mais política - antropomórfica e ideologicamente orientada.

Palavras-chave: net-ativismo, comunicação digital, redes digitais, ação social, ecologia.

ABSTRACT

For the last few years online social movements have spread through several latitudes creating important theoretical challenges for several areas of knowledge, concerning the nature of such actions, given the connective and technological quality of its acts as well as concerning the creation of a new kind of locality, simultaneously informative and material expression of an unprecedented dwelling condition that brings humans together, informative circuits and territorialities. Finally, the necessity that imposes rethinking the composition of human collectives beyond the perspective of modern sociology, since it presents itself as expression of a reticular interactive ecology that is no longer political, that is, anthropomorphic and ideologically oriented.

Keywords: internet activism, digital communication, digital networks, social action, ecology

* Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado em Sociologia pela Universidade Paris Descartes V, Sorbonne. É professor de graduação e pós-graduação na Escola de Comunicações e Artes (ECA/USP). É fundador do Centro de Pesquisa ATOPOS (ECA/USP).

1. Coordena as pesquisas *Redes Digitais e Sustentabilidade* e a pesquisa comparativa internacional *Net-ativismo: ações colaborativas em redes digitais* (apoio FAPESP), com a participação dos centros de pesquisa, juntamente com os seus respectivos coordenadores: Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens - CECL (Universidade Nova de Lisboa), Prof. José Bragança de Miranda; Istituto di Comunicazione (Universidade IULM de Milão), Prof. Alberto Abruzzese; e Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano - CEAQ (Universidade Sorbonne de Paris), Prof. Michel Maffesoli.

MÍDIA E EMANCIPAÇÃO: O PROTAGONISMO DIGITAL E A CRISE DO IMAGINÁRIO INDUSTRIAL NOS ESTUDOS DE COMUNICAÇÃO

QUE O ADVENTO do ativismo nas redes digitais, que se espalhou nos quatro cantos do mundo, habitando¹ a banda larga, a comunicação móvel e os *social network*, nos sugere é a necessidade de superar o imaginário sociológico industrial e positivista, criado pela modernidade para descrever a função social da mídia. Por muito tempo as mídias serviram como bode expiatório, sendo consideradas as responsáveis pela perpetuação da exploração e da degradação cultural:

A verdadeira comunicação comporta uma comunhão, um compartilhamento de experiências interiores. A desumanização da comunicação surgiu da sua anexação da parte dos media e da cultura moderna – antes por parte da imprensa e sucessivamente pelo rádio e pela televisão (Lowental, 1967: 336).

As consequências nefastas da difusão das informações, que marcou o aparecimento da sociedade de massa, bem como o impacto social da mídia chegavam, muitas vezes, a se configurar como uma obsessão e uma ameaça irrefreável: “a massa resolveu avançar para os primeiros planos da vida social, ocupar os lugares, usar os instrumentos e gozar os prazeres até agora reservados a poucos” (Ortega y Gasset, 2002: 11).

Na época industrial, com o advento da máquina a vapor, da eletricidade e da produção de massa, a análise da função social da mídia se deteve principalmente nos estudos dos processos de distribuição e reprodução da ideologia dominante e do modo de produção capitalista, subordinando a função social da comunicação à lógica produtiva. As análises teóricas não se distanciaram, senão com pouquíssimas exceções, do modelo instrumental que atribuía à mídia o simples papel de canal ou veículo de distribuição de informações, conferindo ao inteiro processo comunicativo o estatuto de arquitetura e veículo do novo tipo de dominação (Adorno, Horkheimer, Baudrillard.).

Nesse aspecto, tornava-se improvável pensar a função social da mídia numa perspectiva de desenvolvimento de processos de emancipação e de transformação social num sentido positivo. Embora seja possível encontrar diversos autores que destacam o papel fundamental desenvolvido pela mídia, para a alteração da percepção e consequentemente para o advento de importantes processos de transformação social², são poucos, ou quase inexistentes, os estudos que atribuem à mídia um papel ativo nas mudanças e nas formas de emancipação na sociedade.

Num conhecido texto dos anos 1980, o filósofo Gianni Vattimo alertava sobre a necessidade de não limitar a análise da mídia e de suas funções sociais aos esquematismos dos postulados mecanicistas que repetiam o refrão:

1. O conceito de habitar é aqui preferido ao de “uso” porque exprime uma maior complexidade da relação entre humanos e mídia, para além de uma concepção instrumental das tecnologias da comunicação. Para saber mais a respeito do conceito habitar numa perspectiva comunicativa, ver *Paisagens pós-urbanas* de Massimo Di Felice (Annablume, 2009).

2. W. Benjamin, H. Innis, M. McLuhan, D. Harvey, J.D. Peters, J. Meyrowitz.

produção industrial, cultura de massa, mídia, dominação. Inserida numa lógica industrial e nas formas geométricas unidirecionais dos fluxos informativos da mídia analógica de massa, a função social da mídia limitava-se a distribuir e reproduzir a lógica do incremento ao consumo e ao papel da difusão dos valores e dos estilos de vidas necessários para a reprodução da sociedade capitalista.

A mídia, a comunicação, a cultura, as práticas sociais, a arte e tudo que existia eram pensados como os mecanismos, os componentes funcionais do grande relógio do capitalismo industrial. A concepção sistêmica e positivista de tal pensamento e a leitura instrumental e funcional do papel social da mídia expressava por ela mesma, na própria forma sistêmica e estrutural, a concepção sequencial e lógica própria da produção industrial: cada parte não se explicava em si, mas obedecia a uma lógica e a uma inteligência maior nas quais encontravam sua identidade e sua específica função. Esta concepção sistêmica, instrumental e mecanicista que dava à mídia o papel de canal de divulgação, consagrou distintos autores (Adorno, Ortega y Gasset, por exemplo) encontrando, no interior dos estudos da função social da mídia, poucos questionadores.

O texto de Vattimo *A sociedade transparente* (1989) foi uns dos poucos estudos a ir à contramão, pois se diferenciava também da perspectiva McLuhaniana e da Escola de Toronto, mais focada sobre o impacto histórico-perceptivo dos meios, optando por pensar a mídia de massa em sua função social emancipadora, atribuindo à mesma o singular papel de ter determinado no século XX a crise do colonialismo e da concepção unitária da história.

Os povos ditos “primitivos” colonizados pelos europeus em nome do bom direito da civilização “superior” e mais evoluída, revoltaram-se e tornaram problemática a ideia de história unitária e centralizada. O ideal europeu de humanidade foi revelado como um ideal entre outros, não necessariamente pior, mas que não pode, sem violência, pretender ter o valor de verdadeira essência do homem, de todos os homens. A impossibilidade de pensar a história como um curso unitário, impossibilidade que, segundo a tese aqui defendida, dá lugar ao fim da modernidade, [que] não surge apenas da crise do colonialismo e do imperialismo europeu; é também, e talvez mais, o resultado do aparecimento dos meios de comunicação de massa. Estes meios – jornais, rádio, televisão, em geral tudo aquilo a que hoje se chama telemática – foram determinantes para o processo de dissolução dos pontos de vista centrais (Vattimo, 1989: 87).

Este processo de multiplicação de imagens criado pela mídia de massa é interpretado por Vattimo como um processo qualitativo capaz de pluralizar não apenas estéticas, notícias, informações, mas, conseqüentemente, pontos de vistas e visões de mundo:

D

O que de fato aconteceu, não obstante todos os esforços dos monopólios e das grandes centrais de capitalistas, foi que o rádio, a televisão e os jornais se tornaram elementos de uma explosão e multiplicação generalizada de *Weltanschauungen*, de visões de mundo. Esta multiplicação vertiginosa da comunicação, esta tomada de palavra por parte de um número crescente de subculturas, é o efeito mais evidente dos *mass media* e é também o fato que – interligado com o fim ou, pelo menos, com a transformação radical do imperialismo europeu – determina a passagem da nossa sociedade para a pós-modernidade (Vattimo, 1989: 87).

A original perspectiva de Vattimo atribui à mídia um importante papel social de mudança, responsável por transformações significativas.

Com o advento da internet, as geometrias dos fluxos informativos passaram a ter uma alteração qualitativa, assumindo a forma de arquiteturas informativas ecossistêmicas coproduzidas pelos seus usuários, possibilitando, assim, a difusão e o incremento dos estudos sobre o papel socialmente emancipador da mídia.

Uma das primeiras teorias das redes a considerar o papel relevante das tecnologias da informação para a transformação sociopolítica e econômica foi apresentada por Manuel Castells em seu texto *A Era da Informação* (2002). Nessa extensa obra dividida em três volumes, Castells, adotando o ponto de vista sociotecnológico na sua investigação, distingue cinco principais características da *sociedade em rede*: a informação, a flexibilização da produção, a lógica reticular, a difusão e a convergência das tecnologias digitais de comunicação. Na sua concepção no interior desta nova arquitetura social, a informação assume o papel central e as redes digitais constituem a base material de transformação social e de reestruturação dos modos de produção capitalista/estadista e de desenvolvimento industrial em direção ao “informacionalismo” – neste “(...) a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas (...)”. (Castells, 2002: 65).

Assim, no seu entender, o desenvolvimento tecnológico promove uma maior acumulação de conhecimentos e informações e uma maior complexidade de processamento dessas informações que, por sua vez, leva a um maior desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs), requerendo a ampliação e a ação do conhecimento sobre o conhecimento, num círculo virtuoso constante de geração e circulação do saber e dos símbolos, de produtividade e de possível empoderamento das sociedades e dos indivíduos.

Em decorrência disso, diante do desenvolvimento das novas TICs, na concepção do sociólogo espanhol, passamos de um modo de produção burocrático

e verticalizado para uma estrutura reticular e horizontal, característica de um novo paradigma comunicativo e produtivo na qual o acesso às redes e a possibilidade de troca informativa são fatores determinantes para inclusão na sociedade informacional.

Assim, para Castells, a lógica da rede passa a definir os processos sociais dominantes, dando forma à estrutura social, e estabelecendo o paradigma informacional como norma de conexão às redes globais de riqueza, poder e cultura, acentuando-se a tendência à assimetria, à regionalização, à interdependência de sistemas e à diversificação crescente no interior de cada região.

Nesse sentido, na avaliação do sociólogo, a internet surgida da liberdade de pensamento e da inovação, associada ao contexto dos *campi* universitários dos anos 1960, nos EUA³, e à capacidade criativa dos seus produtores (Castells, 2003: 24) é uma criação cultural, pela qual se distingue os produtores/usuários (criação e configuração da Net) dos consumidores/usuários. Para ele, a cultura, fonte de significados, é uma construção coletiva que transcende preferências individuais e formas de comportamentos e costumes. Sendo assim, a Internet funda um novo padrão de comunicação e também uma nova cultura, estruturada em quatro camadas culturais que contribuem para uma ideologia da liberdade: a cultura tecnomeritocrática (dos produtores/usuários), a cultura *hacker*, a cultura comunitária virtual, e a cultura empresarial (Castells, 2003).

DA MÍDIA ALTERNATIVA PARA A MÍDIA PARTICIPATIVA: O NET-ATIVISMO E AS CARACTERÍSTICAS DAS AÇÕES NAS REDES

Contemporaneamente, com a difusão dos estudos que ofereciam um olhar inovador sobre a função social da mídia e com a expansão da internet, começou a surgir uma série de movimentos de ação direta, com práticas sociais e comunicativas específicas, realizando novas formas de conflitualidades sociais. Nesse contexto, surgiu o termo *ciberativismo*, de origem estadunidense, enquanto modalidade de organização e ação política direta de base marcada pela difusão de informações na rede com objetivo de boicotar o consumo de determinados produtos e também de realizar ocupações, manifestações e protestos ligados aos direitos humanos, civis e ambientais (Di Corinto e Tozzi, 2002). Inaugurou-se, assim, um novo tipo de participação baseada na construção de redes informativas pela difusão de informações na *web* com objetivo de defesa dos recursos naturais e do ambiente, das diversidades culturais das culturas indígenas, além do ativismo nos territórios e na participação de fóruns mundiais contra o neoliberalismo até as propostas de reforma da ONU.

Novos movimentos e novos conceitos surgiram, a partir de então, auto-denominados como *Internet Activism*, *Eletronic Advocacy* ou *Ciberativismo*.

3. Segundo Manuel Castells (2001) a internet teve sua origem na ARPANET (1969) – rede de computadores – criada pela Agência de Projetos de Pesquisa Avançados, a ARPA, ligada ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos. No contexto da guerra fria, o objetivo da ARPA era estimular a pesquisa em computação interativa capaz de desenvolver uma comunicação descentralizada e flexível em que a informação se deslocasse sem a centralidade de um único ponto. O empreendimento foi realizado por pesquisadores, matemáticos e programadores e teve o primeiro ponto de rede instalada na Universidade da Califórnia em 1969.

De fato, o termo ciberativismo origina-se nos anos 1990, com o advento das tecnologias digitais, e manifesta-se através de diversos movimentos. Esse tipo de ativismo midiático tem nas novas tecnologias de comunicação uma aliada valiosa para o fortalecimento das organizações, tanto local quanto globalmente, para a coordenação de campanhas e protestos, para a difusão de informações, denúncias e petições. Nesta primeira fase, em termos gerais, o conceito de ciberativismo refere-se a como utilizar a internet para dar suporte a movimentos globais e à causas locais, utilizando as arquiteturas informativas da rede para difundir informação, promover a discussão coletiva de ideias e a proposição de ações, criando canais de participação (Lemos, 2003).

Todavia, o que constitui a característica própria do ciberativismo, ou ativismo *online*, não se resume à simples incorporação da internet aos processos comunicativos do ativismo, mas inclui a forma como essa tecnologia comunicativa transformou substancialmente o próprio ativismo e os conceitos de participação, espaço democrático, identidade coletiva e estratégia política, implicando em uma mudança significativa nas formas de ação social por parte dos movimentos ciberativistas (McCaughey & Ayers, 2003).

Desde o surgimento do ciberativismo, ao longo das transformações das tecnologias de informação e comunicação, houve uma profusão de ações que buscaram alcançar a interação com formatos comunicativos que pudessem expressar melhor suas demandas. Diante da transformação da capacidade interativa da rede, de uma *Web 1.0* para àquela *Web 2.0*, houve uma reconfiguração do significado do ciberativismo que, nos últimos anos, delineia-se como uma forma intensiva de interação em rede entre indivíduos, território e tecnologias digitais, designativa da conectividade⁴ característica da ação social *em e nas* redes.

Nesse sentido, a reinterpretação do termo *netactivism* ou *net-ativismo*, que deu título ao livro de Ed Schwartz (1996) e que indicava a simplificação da expressão *Network-Ativismo*, está sendo aqui empregada de forma a não restringir o seu significado ao âmbito da democracia eletrônica e das redes cidadãos de participação política, tão referidas por Schwartz, ou aos usos da internet propostos pelo ciberativismo, mas para, também, analisar uma nova forma de ativismo digital *em* rede e *na* rede que se articula como maximização das possibilidades de autonomia, de processos de sustentabilidade e de criatividade no âmbito dos movimentos *new-global*. Esses são caracterizados não pela oposição à globalização, mas pelo advento de uma identidade cidadã global, habitante das redes digitais, que não nega a diversidade local e cujas pautas reivindicatórias e de ação glocal avançam na direção do atendimento das necessidades comuns, tais como a democracia, equidade, consumo consciente e sustentabilidade.

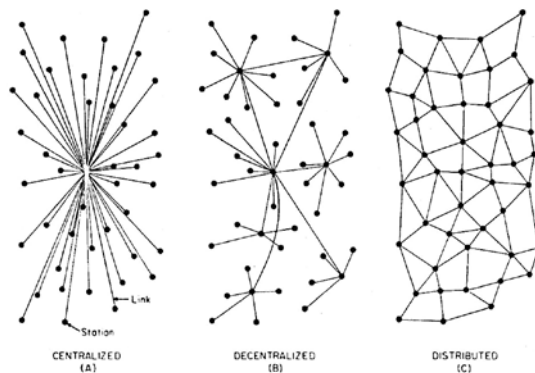
4. Por conectividade entendemos a capacidade e os níveis de conexão de uma rede. Para a definição de rede, ver os estudos de Recuero (2009), Barabási (2003) e Latour (1994, 2000).

A forma de cidadania e ativismo que caracteriza tais movimentos é resultado de uma interação fecunda entre sujeitos, grupos e entidades com as tecnologias de informação, o acesso a banco de dados, as redes informativas e as diversas interfaces utilizadas. Desta maneira, os seus objetivos, suas definições, suas disseminações e suas implementações são, em muitos casos, resultados não de um processo unidirecional, mas construídos em rede de forma colaborativa. Essa dimensão específica nos leva à necessidade, no interior da análise do net-ativismo, de aprofundar o significado da ação social, buscando entender e pensar a qualidade da *ação na rede* que se produz através das interações entre sujeitos, tecnologia e informações.

Tendo em vista o aprofundamento desse horizonte conceitual, é possível distinguir, historicamente, três principais fases do net-ativismo que estão na origem das formas atuais da conflitualidade.

A primeira fase, que podemos considerar como uma fase embrionária, está ligada ao advento da internet na sua primeira forma de rede de computadores, que torna possível a divulgação e o compartilhamento de textos e de primeiras ações com caráter global entre os internautas. A segunda fase, ao contrário, é marcada pela experimentação das primeiras formas de conflitualidades sociais que pela internet deslocam a ação social para uma espacialidade informático-planetária. A terceira se caracteriza pelo advento da *web 2.0* e dos *social network* e se exprimem, além de que, em movimentos de protestos, subversões de vários tipos, na constituição de redes eficazes de ativismo e de colaboração.

Partindo do ponto de vista da estrutura comunicativa e das diversas topologias de redes informativas elaboradas nas fases de constituição das redes da internet, culminada com o modelo elaborado por P. Baran (1964), podemos flanquear a cada etapa histórica a imagem de um tipo de rede que narra visualmente a estrutura e a forma das suas ações em cada fase, a saber, a *rede centralizada*, a *rede descentralizada* e a forma *rede distribuída*.



Topologia de redes: centralizada, descentralizada e distribuída

D

Esta última, na perspectiva de Baran, define-se como um modelo no qual a informação navega de forma distribuída, horizontal, dialógica e redundante e onde cada nó tem igual importância e poder de interdependência. Esses três tipos de topologia podem metaforicamente descrever as três etapas históricas das ações net-ativistas.

Na primeira etapa, assistimos a difusão de forma de ativismos baseados em redes centralizadas que consiste na constituição de movimentos internacionais temáticos que se disseminam no mundo inteiro e que ganham através dos circuitos informativos digitais visibilidade e notoriedade. Um dos primeiros exemplos do advento da participação digital e do net-ativismo é a *Association pour la communication progressiste* (APC) criada em 1988 e que reunia neste período mais de 6.000 membros (Gardon & Granjon, 2010) de organizações diferentes, do pacifismo à ecologia e direitos humanos.

A APC apresenta-se como uma rede de redes telemática que reúne grupos militantes internacionais. São seus objetivos colocar à disposição uma rede informática interconexa e de nível mundial que permita a difusão de informações militantes, a troca de mensagens eletrônicas e a organização de debate através de fórum, discussões e teleconferências (Sreberny, 2005: 309).

No mesmo período surge no interior do APC o *Women's Networking Support Programme*: “Wednet (*Reseau femmes Environnement et developpement*), que teceu linhas de conexão entre suas bases estáveis no Canadá, movimentos africanos e com o grupo *De mujer a mujer*, associação de mulheres do México” (Sreberny, 2005: 317). Nasce, portanto, um conjunto de redes informativas baseadas, sobretudo, em boletins eletrônicos como *Women Envision d'Isis*, *Seawin*, *South East Asian Women's Information Projects* (Sreberny, 2005).

Ainda no começo dos anos 1990 desenvolveram-se na Austrália e na Índia movimentos de teóricos da estética e dos meios de comunicação que buscavam criar estratégias de ações através das interações com os meios digitais chamados *tactical media*. Sua atuação gravitava nas áreas das artes, políticas e comunicação, buscando estratégias inovadoras de intervenção. Como sublinhado pelos autores Dominique Cardon e Fabien Granjon, no livro *Mediactivistes* (2010), a experiência de *tactical media* passará a ter uma rápida ramificação internacional, em primeiro lugar, nos Estados Unidos, através da *Critical Art Ensemble et Electronic Disturbance Theater*: desenvolvedores de uma concepção de conflito no interior dos bits e dos circuitos informativos digitais. Começam a surgir nesta época os primeiros exemplos de *mail bombing*, manifestações virtuais e protestos digitais, conhecidos como *cyberpunk*⁵.

5. Será, ainda, neste período que se difundem em vários locais do mundo um conjunto de atividades, publicações, ações e estéticas reconhecidas sob o nome *cyberpunk*. O conceito remete a pensamentos e práticas que se contrapõem a uma cultura antagonista e ao pensamento crítico e dialético próprios da tradição política de esquerda e é apresentado seja no famoso *Neuromancer* de W. Gibson, no fanzine *Cheap Truth* editado por B. Sterling, mas também em outros autores como R. Rucker, J. Shirley, M. Swanwick. Em todos a crítica à sociedade contemporânea é feita através da ficção científica e da percepção de um futuro no qual a dimensão da ação política é associada à interação com a tecnologia.

Numa segunda etapa, que podemos descrever por meio da segunda topologia de redes, a descentralizada, assistimos ao advento de formas de conflitualidades originais, enquanto nascem nas próprias redes e reúnem em ações e em diversas formas de ativismo, atores diversos, grupos e movimentos de países diferentes. Estes compartilham tempos e estratégias de ações net-ativistas, conscientes de um novo tipo de conflitualidade – distintas do conflito de classes e das lógicas das disputas políticas institucionais próprias da sociedade industrial – cujo objetivo não é a conquista do poder, nem a criação e a disseminação de processos revolucionários. Exemplos dessas novas formas de conflitualidade são os movimentos ligados à figura de Hakim Bey⁶ e as práticas de libertação temporária de áreas (zonas autônomas temporárias) e as formas de protesto que utilizam a figura de Luther Blisset⁷, que antecipa a crítica à identidade reproduzida, nestes últimos anos, pelos movimentos dos *Anonymous*.

No entanto, sobretudo, nesta segunda fase, encontramos a experiência net-ativista zapatista (1994), que inaugurou uma original forma de conflitualidade glocal que espalhou no mundo inteiro uma onda de ativismo pós-ideológico⁸, num primeiro momento reunido em apoio ativo às lutas zapatistas, mas sucessivamente capaz de se reconstituir autonomamente em diversos contextos e países. Indígena e cibernética, a luta zapatista inspirará todos os fóruns mundiais e a conflitualidade que se expressariam em seguida, como prática de protesto midiático e confronto físico⁹ nos encontros e reuniões dos países mais ricos: Seattle (1999), Praga (2000) Davos (2001), Genova (2001) etc.

Uma nova tipologia de conflitualidade espalhou-se nos diversos cantos do mundo e inaugurou uma nova fase mundial do ativismo marcado pela sua matriz informativa e digital. Todos esses movimentos articularam-se nas redes e experimentaram uma conflitualidade informatizada, sem lugares, que se tornava visível, concretizando-se em momentos e localidades específicas e ao mesmo tempo, reproduzindo-se e articulando-se nos bits dos fluxos informativos digitais.

O terceiro momento da conflitualidade net-ativista se difunde depois do advento da banda larga (*web 2.0*), do *social network* e da computação móvel (uso de *smarthphones* e *wi-fi*) e será marcado pela passagem de uma forma de conflitualidade informativa-mediática para formas reticulares autônomas e colaborativas de ativismo que, em muitos casos, serão responsáveis pela implementação de radicais processos de transformação (como no caso da Primavera Árabe, que culminaram com a queda de governos autoritários) ou pelo advento de novos atores e de amplos movimentos surgidos contra os partidos políticos e a corrupção, tornando difícil e inseguras as ações de governos de diversos países (como nos casos do *M-15* na Espanha (2011), o *Movimento 5 Estrelas* na

6. A respeito de tais tipos de conflitualidade, ver Bey (2001).

7. Ver: Blisset (2001).

8. Sobre o zapatismo, ver: Di Felice, 1998 e 2001.

9. É nesse contexto que surge no interior dos grupos anárquicos insurrecionalistas, o movimento dos *Black Block* que desenvolve técnicas e táticas de guerrilhas urbanas.

D

10. Com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na modalidade auxílio à pesquisa regular, a pesquisa internacional intitulada *Net-ativismo: ações colaborativas e novas formas de participação em redes digitais* se desenvolveu durante 2011 a 2013 e contou com a participação dos coordenadores dos centros de pesquisas envolvidos no projeto: Prof. José Bragança de Miranda, Universidade Nova de Lisboa; Prof. Alberto Abruzzese, Universidade IULM de Milão e Prof. Michel Maffesoli, Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano - CeaQ, Universidade Sorbonne, Paris.

11. São os seguintes: Centro de Estudos sobre o Atual e o Cotidiano (CeaQ), Sorbonne, Paris V; Núcleo Italiano de Midiologia (N.I.M.), Universidade IULM de Milão; Centro de Estudos de Comunicação e Linguagem (CECL), Universidade Nova de Lisboa.

12. Os resultados finais dessa pesquisa internacional foram apresentados no I Congresso Internacional de Net-ativismo – *redes digitais e novas práticas de democracia* que aconteceu nos dias 6, 7 e 8 de novembro de 2013, na Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, e contou com estudiosos brasileiros e estrangeiros que pesquisam a temática do ativismo nas redes digitais, nas diversas áreas das ciências sociais e da comunicação.

Itália (2009), *o Geração à Rasca* em Portugal (2011), as manifestações de Junho no Brasil (2013), *You soy 132* no México (2012), e *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos (2011).

O advento da *web 2.0* determina a passagem da mídia alternativa, isto é, das formas de uso e de produção de conteúdo alternativo disseminadas nos diversos âmbitos contraculturais, para a mídia participativa, ou seja, as formas sociais digitais que articulam suas arquiteturas através do diálogo e do compartilhamento de conteúdos. Essa alteração tecnoinformativa será decisiva no desenvolvimento das ações e das características dos movimentos deste período.

O que marca a terceira fase do ativismo não é apenas a sua expansão em nível planetário e a inauguração de uma nova forma de protagonismo tecnossocial, na qual a dimensão político-democrática desloca-se dos espaços tradicionais para as redes interativas digitais, mas, sobretudo, a consolidação de algumas formas expressivas, que no decorrer da última década delinearão tais particulares formas de ação.

Numa recente pesquisa internacional¹⁰, coordenada pelo Centro de Pesquisa Atopos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – e que reuniu importantes centros de pesquisa internacionais¹¹ – foram identificadas algumas características comuns que marcaram a qualidade das ações net-ativistas nestes diversos países¹².

A primeira característica foi identificada na particular ecologia de tais ações e nas suas múltiplas localidades. Essas têm como origem as redes digitais e continuam nas ruas das cidades, sem deixar a sua dimensão informativo-digital, sendo filmadas, transmitidas, fotografadas, postadas e comentadas *online*. Expressam, assim, as dimensões não apenas locais ou urbanas, uma vez que a qualidade dessas ações e sua eficácia são o resultado muito mais de suas capacidades conectivas atópicas¹³ do que de suas específicas localidades físicas e geográficas.

Uma localidade, portanto, não mais expressa pelas contraposições real/virtual, público/privado, mas conectivas, continuamente redefinidas pelo atravessamento de fluxos informativos e por suas conexões sincrônicas. A segunda característica identificada dos diversos movimentos net-ativistas se expressa na singular não linearidade de suas ações. Essa, de fato, apresenta-se como o conjunto de ações não apenas humanas, isto é, não apenas expressões da vontade de um sujeito ator, de movimentos sociais ou de opinião, mas resultado da sinergia de diversos actantes¹⁴ (circuito informativo, dispositivos, *smarthphones*, câmaras digitais, gravadores, redes sociais, como *Facebook*, movimentos sociais, indivíduos, etc.).

Em síntese, a especificidade de tais ações que não se originam, portanto, apenas na esfera política e das reivindicações, foi apontada na complexa e intermitente dimensão de alteração da própria condição habitativa, proporcionada pela conectividade aos circuitos informativos territoriais. Um ulterior aspecto identificado pela pesquisa encontra-se na recursividade de suas ações que parecem ter, como objetivos principais, ao lado das reivindicações públicas e externas, a consciente expressão de reivindicações internas que se exprimem na exigência radical de transparência, democracia real e de tomada coletivas das decisões no âmbito dos próprios movimentos, deslocando, assim, de forma elíptica a própria ação e a direção do seu próprio impacto.

Enfim, além da qualidade das ações, da ecologia da condição habitativa, e da recursividade, a pesquisa apontou duas outras características. A primeira, a valorização do anonimato e a recusa de uma identidade política, ideológica ou sintetizada em figuras carismáticas ou em líderes; e a segunda, caracterizada pela recusa da institucionalização, expressa seja na comum aversão aos partidos políticos de qualquer tendência, seja na recusa, também generalizada, de se tornar uma força política institucional.

13. Referência ao conceito de atopia desenvolvido no livro “Paisagens pós-urbanas” de Massimo Di Felice (2009).

14. Refere-se aqui ao conceito expressado por Bruno Latour e a teoria do Ator- Rede, pela qual é possível definir ator qualquer membro, humano e não, que contribui ao desfecho de uma ação.

CARACTERÍSTICAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS MODERNOS	CARACTERÍSTICAS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDES
1. Identidade política coletiva	1. Anonimato e ausência de identidade política coletiva
2. Discurso ideológico	2. Discurso sem ideologia
3. Objetivos políticos definidos	3. Objetivo cosmopolíticos múltiplos
4. Luta pelo poder	4. Atuação estranha à lógica da luta pelo poder
5. Líderes e hierarquia definida	5. Formato organizativo em rede e a-hierárquico
6. Submissão dos meios às finalidades	6. Ação elíptica, não direcionada apenas ao externo
7. Tendência à institucionalização	7. Recusa de qualquer tipo de institucionalização
8. Previsibilidade	8. Imprevisibilidade
9. Temporalidade diacrônica	9. Temporalidade sincrônica
10. Espaço de ação: o local nacional	10. Espaço de ação: atopia e info-localidades

Nesse sentido, parecem evidentes as distinções dos movimentos sociais em rede em relação aos movimentos sociais políticos modernos.

DAS FORMAS RETICULARES DOS MOVIMENTOS NET-ATIVISTAS

Em sua obra *Speaking Into the Air. A History of the Idea of Communication*, John Durham Peters distingue dois principais tipos de comunicação que apresentam duas diversas concepções comunicativas: a forma da disseminação e a do diálogo. A primeira exprime as formas da divulgação das informações de um emissor que busca difundir seus conteúdos para quem possa interessar; a

D

segunda, ao contrário, exprime um tipo de laço estreito e produz um particular tipo de interação, na qual os participantes não possuem o controle sobre o conteúdo elaborado, mas o constroem de forma relacional. Na descrição de Peters a primeira forma é encarnada pelo tipo de comunicação proferida por Cristo, enquanto a segunda encontra-se presente nos diálogos e nas interações dialógicas estabelecidas por Sócrates.

Ambos proferiam ensinamentos sobre o amor e sobre a dispersão das sementes, mas buscando efeitos distintos. (...) Estas duas concepções de comunicação – um diálogo estritamente conectivo e uma disseminação de ligação débil (ou de laços fracos) – continuam ainda hoje. (...). O meu objetivo a respeito é de pôr em contraposição duas *Grundbegriffe* na teoria da comunicação, diálogo e disseminação assim como se formaram efetivamente e historicamente no pensamento europeu (...) (Peters, 1999: 45)

Podemos utilizar a dúplice concepção de Peters sobre a disseminação e o diálogo para interpretar as análises e os estudos que surgiram nos últimos anos decorrentes da difusão das redes sociais digitais. Limitaremos a nossa reflexão ao âmbito sociocomunicativo¹⁵, acenando apenas a alguns dos mais conhecidos autores que se debruçaram sobre o argumento dedicando páginas ao assunto. Apresentaremos, portanto, no limite desse espaço, duas diversas concepções de redes sociais digitais: uma expressa sua característica principal na sua estrutura expansiva e no seu poder de disseminação; a outra intensifica sua ênfase nos elementos de interação dinâmica e de diálogo. A assunção de uma ou de outra perspectiva irá influenciar, como veremos, de forma diversa a análise dos significados atribuídos à importância das redes digitais no interior dos movimentos net-ativistas, determinando, também, duas diversas interpretações do significado social e comunicativo de suas ações.

No âmbito dos estudos das redes digitais existe um amplo consenso em qualificar como função principal das redes sociais digitais o seu próprio poder de disseminação, de conteúdo, informações, ideias, opiniões. A partir de tal consenso, boa parte dos estudos da temática desenvolveu como objetivo a análise de tais processos de disseminação, verificando impactos, cartografando relações e identificando tipos de laços¹⁶. Nessa perspectiva as arquiteturas informativas digitais são percebidas e estudadas nas suas funções sociais. Obviamente, pelos defensores de tais abordagens, as redes e as mídias digitais permitem um novo tipo de interação informativa, qualitativamente distinto em relação à mídia analógica, possibilitando a todos os atores de modo tecnologicamente simétrico a faculdade de construção e de difusão de conteúdos. Ao mesmo tempo, boa parte desses estudos continua a inscrever as atividades informativas realizadas

15. Ver: DI FELICE, Massimo; TORRES, Juliana; YANAZE, Leandro (2012). DI FELICE, Massimo. (2011-2012).

16. Ver: Recuero (2009), Barabási (2003), Latour (1994, 2000), Venturini (2009), Severo (2010).

pelas redes dentro de uma esfera maior, constituída pelo próprio sistema social. As redes de interação, desse modo, permanecem no interior das esferas do social, sendo consideradas como instrumentos de agregação, de difusão e até de práticas de ações inovadoras, colaborando, portanto, com o advento de um novo tipo de social, mas que em nenhum caso põe em questão o próprio conceito de interação e aquele mesmo de sociedade. Vão nesta direção as generosas contribuições de Manuel Castells, sem dúvida uns dos mais importantes e atentos estudiosos do impacto social das redes sociais digitais. Constitui um exemplo disso a abordagem que o sociólogo espanhol reserva à questão em suas principais obras. No prólogo da *Sociedade em rede* (1999), superando a questão do determinismo tecnológico e destacando a complementariedade do caráter social da tecnologia e das dimensões tecnológicas do social, o autor destaca a permanência na sociedade em rede da centralidade da identidade e da figura do ator social:

As novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade. A comunicação mediada por computadores gera uma gama enorme de comunidades virtuais. (...) Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significados principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos (Castells, 2002: 38).

Aprofundando a sua análise, no mesmo texto, Castells destaca a distinção opositiva entre a *rede* e o *ser*, a globalização e a identidade, identificando tal oposição como um das principais características da nossa contemporaneidade. Ao limitar a análise ontológica do Ser à dimensão privada e identitária do sujeito, o sociólogo espanhol opta por focar sua atenção no estudo das transformações do social, pensado como se atingido pela passagem de uma *nova transformação histórica*, caracterizada pela reorganização da sociedade em formato de redes, expressão de um profundo e qualitativo processo de mutação. Embora reconhecendo o caráter não instrumental das tecnologias da informação e defendendo que as mesmas não são “simplesmente ferramentas a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos” (Castells, 2002: 43), o conceito de rede de M. Castells é evidentemente a expressão de um conceito de social antropomórfico “amplificador e extensão da mente e das capacidades humanas” (Ibid.), que exprime uma concepção apenas social dos processos de comunicação e das redes digitais. A interpretação que põe ênfase nas características sociais e, portanto, disseminativas das redes digitais, resulta ainda mais explícita na sua obra *Communication and Power* (2008), na qual esclarece

D

a perspectiva do estudo da sociedade construída em volta das redes, capazes de disseminar suas funções e formas, modificando, mas sem alterar o estatuto estrutural sociocêntrico:

A análise apresentada neste livro se refere a uma específica estrutura social: a sociedade em rede. A estrutura social que caracteriza a sociedade do primeiro século XXI, uma estrutura social construída em volta (mas não determinada por) redes digitais de comunicação (Castells, 2008: 21).

O conceito de comunicação que alimenta as teorias de Castells está restrito à sua função social, aproximando a sua análise sobre as interações entre redes digitais e movimentos sociais à perspectiva designada por J. D. Peters como *disseminativa*:

A construção de redes é operada pelo ato de comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significados pela troca das informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada (Castells, 2013: 11).

Tal interpretação prejudica e limita a análise do sociólogo espanhol que sintetiza a complexidade da relação dos movimentos sociais com as redes digitais e com os dispositivos de conexão, por meio do olhar de uma lógica de disseminação individual e coletiva, ao mesmo tempo, denominada por ele *autocomunicação de massa*. Da mesma forma a análise da ação, assim como explicada no seu mais recente trabalho *Redes de indignação e esperança* (2013), resulta completamente limitada num âmbito exclusivamente antropomórfico que oscila entre os aspectos emocionais e as contradições sociais, políticas e econômicas:

De fato, a mudança social envolve uma ação individual e/ou coletiva que é, em sua essência, emocionalmente motivada (...). Quando se desencadeia o processo de ação comunicativa que induz a ação e a mudança coletiva, prevalece a mais poderosa emoção positiva: o entusiasmo (Castells, 2013: 158).

O resultado da soma da ação individual e da ação coletiva aponta para a inevitável volta da centralidade da dimensão política acima dos demais aspectos:

Em resumo, para que as redes de contrapoder prevaleçam sobre as redes de poder embutidas na organização da sociedade, elas têm de reprogramar a organização política, a economia, a cultura ou qualquer dimensão que pretendam mudar” (Castells, 2013: 21).

As redes pensadas por Manuel Castells são, portanto, expressões de um novo social expandido, no qual as informações são disseminadas pelos atores

sociais em conflito entre si e cuja ação encontra sua difusão na mesma estrutura comunicativa. Na sua visão, a sociedade em rede caracteriza-se como uma sociedade englobante na qual os atores, suas ações, o poder e as instituições encontram nas redes suas disseminação e redefinição social. Em outras palavras, a sociedade em rede é um sistema social que possui atores, instituições que comunicam entre si disseminando funções, desejos, esperanças e objetivos exclusivamente humanos.

A segunda concepção comunicativa oferecida por Peters se refere à comunicação como diálogo, entendendo com este a especificidade de uma arquitetura informativa que em lugar de difundir a si própria, muda-se na medida em que vem se comunicando. Essa outra perspectiva nos convida para pensar as redes digitais não a partir de sua função social e do seu poder de transformação, mas como uma forma criadora. Superando o limite da concepção socrática proposta pelo estudioso americano, podemos pensar aqui no diálogo não como o conjunto de trocas livres e dialéticas de opiniões e de pontos de vistas, preferidos pelos cidadãos, mas como um particular ato ecológico que estabelece relações e conectam, em diálogos, entidades de diversas naturezas, numa rede de relações formantes. Mais do que pensar as redes como parte integrante e ativa da arquitetura de um novo tipo de estrutura social, nessa perspectiva é o mesmo conceito de social e o pensamento desenvolvido sobre este pela própria sociologia que são postos em questão.

A forma de um dinamismo reticular não sistêmico, nem socialmente estruturado é apresentada pela Teoria ator-rede, sugerida por Michel Callon (1986) e Bruno Latour e propõe a passagem da sociologia para a ciência das *associações*, isto é, para a ciência que estuda a formação emergente de redes, cartografando os atores e as interações no momento em que estas passam a se desenvolver através de suas interações:

Quando os sociólogos do social pronunciam as palavras sociedade, poder, estrutura e contexto, dão em geral um salto adiante para conectar um vasto conjunto de vida e história (...) mas já é tempo de olhar com mais cuidado o tipo de agregados até agora reunidos e os modos com que eles se conectam uns com outros (Latour, 2012: 43).

Inspirado na microsociologia de Gabriel Tarde, Bruno Latour, na sua proposta de estudos das redes, não busca ordenar as ações e os atores a partir de conceitos consolidados, mas procura reconstruir *a posteriori* os laços, as relações e suas qualidades. O ponto de partida da Teoria do Ator-Rede é a não existência do social e da sociedade *a priori*, e a conseqüente necessidade de pensar ambos como realidades temporárias e intermitentes que necessitam ser,

a cada vez, traçados novamente “por meio de mudanças sutis na conexão de recursos não sociais” (Latour, 2012: 61). Ao lado desse elemento comunicativo reticular e constituidor, a proximidade dessa concepção de rede com a concepção da forma diálogo de comunicação proposta por Peters, encontra-se de modo mais explícito no significado reticular e descentralizado atribuído à ação, que impõe a necessidade de se repensar o próprio conceito de ator.

Ator é aquilo que muitos outros levam a agir. O ator, na expressão hifenizada “ator-rede”, não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de identidades que enxameiam em sua direção (...). Por uma definição a ação é deslocada. (...) Se se diz que um ator é um ator-rede, é, em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto à origem da ação (Latour, 2012: 22).

Nessa perspectiva a ação em contextos reticulares é o resultado do diálogo entre diversos *actantes*, humanos e não-humanos, que compõe coletivos não estruturados. A dimensão do diálogo adquire aqui a fundamental dimensão da forma *formantes*, isto é, da dinâmica constituidora dos coletivos e das próprias redes.

Essas duas concepções de redes que expressamos aqui de forma sintética e em relação com a concepção da comunicação–disseminação e da comunicação–diálogo, nos revelam dois diferentes significados sociais e comunicativos cuja aplicação nos diversos movimentos net-ativistas gera distintas interpretações.

A ideia de *rede disseminativa*, que considera as redes como parte de uma estrutura social maior, pretende explicar os movimentos sociais em rede, sua organização e suas ações como práticas sociais, evitando questionar a autoria da ação, portanto, quem age, quem são os atores e seus sociais, limitando, consequentemente, à análise do net-ativismo às dimensões políticas e dialéticas dos conflitos entre Estado e redes de movimentos. A ideia de *rede de diálogo*, ao contrário, enfatiza a necessidade de pensar a qualidade do social desenvolvida pelos movimentos net-ativistas que constroem suas ações através da constituição de uma complexa ecologia que reúnem e agregam humanos, circuitos informativos, interfaces, dispositivos de conexões, banco de dados, *social network*, imprensa, mídias etc.

Segundo essa última interpretação, os movimentos net-ativistas são portadores de um novo tipo de agregação que se expressam através de uma nova ecologia.

O ATO CONECTIVO: A COSMOPOLÍTICA E O ESTRANHO LUGAR DA AÇÃO NET ATIVISTA

O estudo da qualidade da ação net-ativista e da sua complexa ubiquidade, nos leva a pensar o conceito de rede como a assunção de uma epistemologia que supera os conceitos de social e de sociedade, assim como elaborados pela cultura

ocidental que os limitou ao âmbito da *pólis*, isto é, do espaço antropomorfo da cidade, lugar restrito da disputa e dos conflitos das ideias.

Nos limites das fronteiras estabelecidas pelo modelo que circunscreve o político nas ideias e no âmbito humano não é possível narrar a ecologia reticular que forma as ações net-ativistas, nem entender as particularidades de suas interações estendidas numa pluralidade conectiva de ambiências.

As culturas ecológicas contemporâneas, as práticas de sustentabilidade, os movimentos de ativismo digital que marcaram a Primavera Árabe e os protestos continuados em todas as latitudes, através de formas de conflitualidade realizadas mediante as interações com *social networks*, são as expressões de um novo tipo de ação não mais direcionada ao externo, nem apenas resultante de práticas provocadas por um condicionamento informativo ou técnico. O que caracteriza essas ações é a sua especificidade atópica, determinada pelas contínuas interações de trocas de fluxos informativos entre indivíduos, dispositivos de conectividade, banco de dados, circuitos informativos e territorialidades. Como relatado em outros contextos, os manifestantes que participaram dos protestos e passeatas, em diversas latitudes e contextos, nos últimos anos, habitam espaços estendidos alcançados pelo poder da conexão de seus dispositivos móveis.

Não somente os movimentos e as ações têm, na quase totalidade dos casos origens nas redes, em grupos do Facebook ou em redes sociais digitais, mas, ao sair nas ruas continuam inevitavelmente conectados, e passam a decidir suas estratégias e seus movimentos nas manifestações por meio da interação contínua com as redes informativas e por meio da troca de informações instantânea. Tudo é filmado, gravado, fotografado e imediatamente colocado em rede para o mundo. Não somente se deslocam conectados, mas a manifestação acontece de fato, somente se é filmada, fotografada e postada na rede, tornando-se novamente digital, isto é, informação compartilhada e distribuída.

Desse ponto de vista resulta inadequado pensar na distinção entre espaços físicos e espaços informativos. A qualidade da ação conectada digitaliza as ruas e as cidades para ganhar uma indefinível localidade e se reproduzir aquém dos espaços urbanos e político. Os conflitos são informativos, as passeatas são hoje *games interativos* que promovem a interação entre informações, espaços urbanos e ações, jogos de trocas entre corpos e circuitos informativos. Expressões do surgimento de um novo tipo de carne informatizada, que experimenta a sua múltipla dimensão, a informativa digital e a sangrenta material, ferida e machucada. Ambas são reais e nenhuma é separada da outra, mas cada uma ganha a sua veracidade no seu agenciamento em diálogo informatizado com a outra. O sangue dos manifestantes feridos não cai somente no chão e no asfalto das ruas, mas se derrama em espacialidades informativas. A polícia e

D

os aparatos repressores, nesse contexto, tornam-se mídia, cúmplices de um ato informativo, pelo qual os manifestantes experimentam o prazer dolorido de tornarem seus corpos-informação, elevando a conflitualidade aos *bits* dos circuitos informativos.

Como descrever a ecologia comunicativa reticular dessa ação e, sobretudo, que tipo de diálogo e de comunicação expressa?

Soren Kierkegaard nos oferece uma pista interessante para pensar a comunicação desde uma perspectiva ecológica e complexa:

Cada vez que se fala de *medium* ou comunicação, necessitaria se distanciar o máximo possível da opinião dos jornalistas ou dos intelectuais na moda. Deve-se, ao contrário, reconhecer que, quando se menciona a palavra comunicação, não se faz simplesmente referência à informação e à mensagem, mas se define o modo que uma época ou uma determinada sociedade se relaciona com os mortos, os vivos e a natureza (Kierkegaard, 1979-82: 75).

Um outro significado relativo ao estudo do caráter ecológico e as dimensões relacionais pode ser encontrado na perspectiva oferecida pelo filósofo alemão Martin Heidegger sobre o particular conceito da ontologia. Como se sabe, boa parte da trajetória do seu pensamento foi ocupada na busca por uma ideia de ontologia não metafísica que indicasse a condição temporal da mesma, recusando a sua dimensão abstrata e conceitual própria da filosofia ocidental. Consequentemente a tal propósito, Heidegger desenvolve o conceito de *Geviert* (quadratura) no qual descreve o Ser a partir de sua condição habitativa e de suas relações com o céu, a terra, os mortais e os divinos:

O traço fundamental do habitar é esse cuidar (Schonen). Ele permeia o habitar em cada aspecto. O habitar surge em toda a sua amplitude quando pensamos que nele reside o ser do homem, entendido como o permanecer dos mortais sobre a terra. Mas sobre a terra já significa sob o céu. Ambos significam permanecer diante dos divinos e implicam um pertencimento à comunidade dos homens. Há uma unidade originária dentro da qual os quatro: terra e céu, divinos e mortais são uma coisa só (...). Essa sua simplicidade nós a chamamos *Geviert*, a quadratura (Heidegger, 2006: 56).

Na perspectiva de Heidegger, o Ser é único enquanto plural, enquanto se desenvolve e existe na medida em que habita, isto é, na medida em que realiza a quadratura (*geviert*), desenvolvendo assim a sua condição não a partir de uma suposta essência metafísica, mas a partir do seu realizar-se como projeto e como possibilidade.

Na perspectiva do filósofo alemão, portanto, a característica formante do habitar não se encontra num residir, em um estar, mas na sua qualidade de se relacionar e de comunicar. Essa ontologia relacional e comunicativa é expressa também por meio do conceito do *Dasein*, *Ser aí*¹⁷ que exprime esse elemento histórico e dinâmico e, portanto não conceitual ou metafísico, do Ser, expresso na sua dimensão de possibilidade e de contínua ultrapassagem. A perspectiva da ontologia relacional e do *Dasein* nos remete à uma recusa de qualquer tipo de essência definitiva e conceitual e que nos abre para uma perspectiva relacional e ecológica – constituída por um particular tipo de ontologia que é – somente na medida em que se relaciona e se transforma.

O *dasein* (...) exprime bem o fato de que a existência não se define só como ultrapassagem, que transcende a realidade dada em direção à possibilidade, mas que essa ultrapassagem é sempre ultrapassagem de alguma coisa, é sempre concretamente situado, ou seja, é ai. Portanto, existência, ser aí, ser no mundo, são sinônimos. Todos os três conceitos dizem de fato que o homem está situado de maneira dinâmica, que é no mundo do poder ser, ou ainda (...) na forma de projeto (Vattimo, 1971: 22).

Essa dimensão ecológica que expressa um Ser que é somente enquanto *Ser aí* (*Dasein*), isto é, em relação com céu e terra, divinos e mortais, e que é somente sendo, ou seja, como possibilidade e ultrapassagem, ajuda a pensar a ação net-ativista como um *dasein digital*, expressão de uma ecologia que reúne, em forma similar à quadratura, indivíduo, dispositivos de conectividade, circuitos informativos e territorialidades. Uma condição habitativa que, como já tive oportunidade de abordar (Di Felice, 2009), podemos definir como atópica¹⁸.

Na atopia a especificidade da ação e da localidade é o resultado do decorrer de interações e, como na ontologia heideggeriana, de um processo relacional. A dimensão caracterizante da ação net-ativista, portanto, deixa de ser a sua estrutura, seja organizativa ou político-ideológico ou sua finalidade estratégica e seus objetivos, para se tornar a consequência de sua forma.

A ideia de forma encontra várias possibilidades de explicação e diversas opções de abordagem¹⁹. No âmbito sociológico devemos a descoberta da lógica da forma e de seu *poder formante* a Georg Simmel. Ao descrever a beleza e suas características o sociólogo alemão destaca como esta seja “sempre constituída por conjunto de elementos que, enquanto tais, são estranhos à própria beleza” (Simmel, 1998: 89). Em sua concepção, portanto, como no caso das cores de um quadro ou do conjunto das notas e pausas que compõe uma melodia, a beleza será o resultado do conjunto de agregações que a forma instaura.

17. A tradução do conceito *Dasein* é de fato controversa. Aqui no remetemos à tradução proposta por Gianni Vattimo que, ao expressar a dimensão dinâmica, não essencialista do ser e sua específica historicidade, acrescenta-se ao verbo ser o advérbio de localidade, *Ser aí*.

18. O termo grego expressa a junção do prefixo alfa “privativo” com a palavra *topos* (lugar) que a uma tradução atenta não remete à ausência de lugar, mas a uma localidade estranha, uma localidade fora do local, uma localidade indizível.

19. Ludwig Wittgenstein na filosofia, Paul Valery e Gustav Flaubert na literatura, Cezanne na pintura.

D

É, portanto, para Simmel, a forma a revelar os diversos elementos que a compõe. Numa análoga concepção Michel Maffesoli destaca o poder da forma de superar a oposição, própria da dialética, entre particular e total:

Assim, se reduzir à unidade, o que é próprio do racionalismo, a forma favorece a unicidade, mantém a coesão entre os elementos mais diversos. Em outros termos, em um mundo feito de contrastes, esta permite conceber uma ideia de conjunto: aquela da organicidade que agrega, seguindo caminhos diversos, todos os fragmentos do heterogêneo. A dialética tinha a ambição, a pretensão, de superar o contraditório e oferecer, assim, sentido ao mundo, orientá-lo, atribuir ao mesmo uma finalidade. O formismo, ao contrário, agrega todos os contraditórios e favorece um senso que se estingue no mesmo agir, que não se projeta, que vive no jogo das aparências, nas florescências das imagens, a valorização dos corpos (Maffesoli, 2000: 125-126).

Relacionando a importância da forma com a análise das ações net-ativistas podemos reconhecer a distância destas últimas com as interpretações sociológicas sobre a ação social. Nas ações net-ativistas, de fato, a cumprir a ação não está mais o indivíduo teleológico weberiano nem sujeito racional da ação comunicativa habermassiano, mas um ator-rede, conectado e parte de uma ecologia reticular que se articula em sucessões de ações, por meio das trocas de atos conectivos. A diferença da ação do sujeito, o ato conectivo exprime a dimensão impermanente e criadora, cara aos dramaturgos gregos, de um acontecimento criador. Em lugar da ação de sujeitos e atores humanos, o ato realiza-se por meio da conectividade fértil de diversos actantes e interagentes, humanos e não.

A partir de tal perspectiva compreende-se melhor a dimensão não exclusivamente política das ações net-ativistas que, em todos os contextos, evitaram a assunção de uma identidade política, recusando qualquer tipo de bandeira e de fórmulas ideológicas.

Tudo isso permite distinguir a forma da fórmula. A fórmula oferece as suas soluções, nos pondo certezas, baseia-se sobre pensamentos codificados, possui sobre tudo e todos, respostas pré-codificadas. Ao contrário a forma e o formismo (...) limitam-se a propor interrogativos e oferecem condições de possibilidade (...). Em antítese ao pensamento puramente conceitual que acredita poder circunscrever a existência na sua totalidade, o formismo deixa espaço e potencialidade que podem e não podem realizar-se (Maffesoli, 2000: 87).

Resulta igualmente mais clara a relação estranha ao poder de tais movimentos que, por atuar numa dimensão ecológica conectiva, deixaram a sociedade

do espetáculo e suas representações simbólicas para passarem a habitar uma dimensão reticular e criativa. “Em tal perspectiva o uso da forma está a indicar a presença de uma socialidade viva que não se põe mais nem a favor nem contra o poder mas que na melhor das hipóteses o ignora e na pior o despreza” (Maffesoli, 2000: 155).

A forma formante de redes de interação que reúnem actantes de diversas naturezas em conexões ecológicas exprime uma dimensão que se constitui como um desafio conceitual para a teoria comunicativa, as ciências sociais e a filosofia. Inspirada na ideia da química do século XVIII que expressava uma concepção que se opunha tanto a um modelo mecânico quanto a um modelo teórico e que optava por estudar os corpos químicos deduzindo sua maneira de mudar ao entrar em relação uns com os outros, Isabelle Stengers propõe a concepção de uma interação na qual as ações não podem ser mais atribuídas a um único ator agente, mas concebidas como o resultado das interações de um conjunto de elementos. A ideia de *cosmopolítica* proposta pela filósofa belga não se apresenta como a proposta de uma politização do cosmo, seguindo uma perspectiva kantiana que auspiciaria a existência de um *bom mundo comum*, mas, ao contrário, como a expressão de complexidade cósmica:

O cosmos deve ser distinguido de qualquer cosmos ou mundo particular, como uma tradição particular possa concebê-lo (...). No termo cosmopolítico, o cosmos se refere ao incerto constituído por esses mundos múltiplos e divergentes e às articulações das quais eles podem eventualmente ser capazes (Stengers, 2007: 45).

A passagem da esfera política para a esfera que abrange uma dimensão cósmica é, no caso dos movimentos net-ativistas, não o resultado de uma opção ideológica ou a ascensão de um pensamento comum e político, mas a consequência de uma condição habitativa que expressa um particular tipo de ato (αἶον), que se caracteriza como um evento irrepitível, um tipo de imediatismo sem passado nem futuro. Tal ato conectivo reticular, mais do que um estado, pode ser pensado como uma condição. A etimologia latina do termo *condição* remete a dois significados. O primeiro se refere ao substantivo feminino *condictio-onis*, que pode ser traduzido com o termo condição, situação, sorte, pacto. O segundo é relativo ao termo *conditio*, que além do significado de condição pode assumir o significado de criação e fundação. O primeiro remete a um significado de imposição e de limitação. O segundo faz pensar a uma abertura fértil e criadora. ■

REFERÊNCIAS

- BARABÁSI, A. L. *Linked. How Everything is Connected to Everything else and What it means for Business, Science and Everyday Life*. Cambridge: Plume, 2003.
- BEY, Hakim. *TAZ: zona autônoma temporária, anarquismo ontológico e terrorismo poético*. São Paulo: Conrad, 2001.
- BLISSET, Luther. *Guerrilha psíquica*. São Paulo: Conrad, 2001.
- CALLON, Michel. "Some Elements of a Sociology of Translation: Domestication of the Scallops and the Fishermen of St Briec Bay". In Law, John (ed.) *Power, Action and Belief: A New Sociology of Knowledge*. London: Routledge e Kegan Paul, 196-233, 1986.
- CARDON, Dominique & GRANJON, Fabien. *Médiactivistes*. Paris: Presses de Science Po, 2010.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- . *A Galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- . *Communication and Power*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2009.
- . *Redes de indignação e esperança*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DI FELICE, Massimo & MUNOZ, Cristóbal. *A revolução invencível*. Subcomandante Marcos e o EZLN. São Paulo: Boitempo, 1998.
- . & BRIDGE, Marco. *Votán Zapata*. São Paulo: Editora Xamã, 2002.
- . (org.). *Do público para as redes*. A comunicação digital e as novas formas de participação social. São Paulo: Ed. Difusão, 2008.
- . *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar*. São Paulo: Annablume, 2009.
- . *Redes digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social*. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 92, p.9-19, Dez./Fev. 2011-2012.
- ; TORRES, Juliana; YANAZE, Leandro. *Redes digitais e sustentabilidade – as interações com o meio ambiente na era da informação*. São Paulo: Annablume, 2012.
- DI CORINTO, A. e TOZZI, T. *Hactivism – La libertà nelle maglie della rete*. Roma: Manifestolibri, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2006.
- KIERKEGAARD, Soren. *Scritti sulla comunicazione*. Roma: Logos, 1979-82.
- LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru-SP: Edusc, 2012.
- . *Ciência em ação – como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- . *Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica*. São Paulo: Editora 34, 1994.

- LEMOS, André. "Ciberativismo". In: *Correio Brasiliense*, Caderno Pensar, 15 de novembro de 2003.
- LOWENTAL, Leo. Communication and Humanitas. In: F. W. Matson and A. Montagu (orgs.). *The human dialogue: perspectives on communication*. New York: Free Press, 1967.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio della ragione sensibile*. Roma: Ceam, 2000.
- MCCAUGHEY, Martha. & AYERS, Michel. *Cyberactivism – Online Activism In Theory And Practice*. EUA: Routledge, 2003.
- ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PETERS, John Durham. *Speaking Into the Air. A History of the Idea of Communication*. Illinois: Chicago Press, 1999.
- RECUERO, Recuero. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.
- SCHWARTZ, Ed. *NetActivism: How Citizens Use the Internet*. Newton, Massachusetts: O'Reilly, 1996.
- SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Turim: Edizioni di Comunità, 1998.
- SREBERNY, Annabelle. Genre, autonomisation et communication. Rétrospective et prospectives. In: *Revue internationale des sciences sociales*. Paris: 2 (184), 2005.
- STENGERS, Isabelle. *Cosmopolitiche*. Roma: Sossella, 2007.
- VATTIMO, Gianni. *A sociedade transparente*. Lisboa: Relógio d'água, 1989.
- . *Introduzione a Heidegger*. Bari: Laterza, 1971.

Endereços eletrônicos

- BARAN, Paul. *Rand Memoranda on Distributed Communication*. (1964). Disponível em: <<http://www.rand.org/publications/RM/baran.list.html>>.

Artigo recebido em 19 de setembro de 2013 e aprovado em 24 de outubro de 2013.